

Muitos causos perigosos para contar

Durante a construção de Brasília, ali, pelos idos de 1957, os policiais trabalhavam à noite e descansavam ao longo do dia. Às 18h, assistiam aulas sobre legítima defesa, como agir para efetuar prisões e coletas de dados em locais de crime. Após as aulas, dez guardas eram escalados para guardar o material da Novacap. Os outros dez patrulhavam o Núcleo Bandeirante, de forma precária. A ronda era feita a pé. As viaturas com a sigla da Novacap vieram a seguir.

Um dos primeiros policiais a integrar a GP ainda vive em

Brasília. Elias José de Souza, 71 anos, chegou à capital em 1957 vindo de Goiânia. Ele lembra dos tempos difíceis em que a corporação precisava contar mais com a coragem e a sorte do que com o conhecimento para trabalhar. "Tínhamos que patrulhar no escuro, pois quase não havia iluminação pública. E não carregávamos arma além do cassete", conta. "As lutas corporais com criminosos eram frequentes", lembra.

Com o crescimento populacional e o aumento do número de crimes, foi preciso ampliar o efetivo. Em agosto de 1957, a GP

tinha 30 guardas. Sua ação limitava-se, teoricamente, à zona urbana. Mas a zona rural era alvo de ataque de pessoas que extraíam madeira ilegalmente e matavam animais silvestres. Assim, em 7 de agosto de 1957, o então diretor financeiro na Novacap, Íris Meinberg, criou a Guarda Rural da Novacap (GRN) para combater a onda de crimes e contravenções, que caminhavam em ritmo acelerado nas zonas rurais ao redor do DF.

Tudo corria dentro do programado até Brasília registrar seu primeiro homicídio. O crime ocorreu no Bar Maracangalha,

onde hoje é o Núcleo Bandeirante: o cozinheiro matou a facadas um freguês. Foi o fim da era do desarmamento: em abril do mesmo ano, pela primeira vez, os policiais passaram a portar armas de fogo. A Novacap adquiriu 45 revólveres, que foram para a GP e a GRN. As armas eram necessárias, pois a onda de crimes aumentava e os bandidos começavam a agir armados. Um dos primeiros baleados em serviço foi o pernambucano Pedro Coelho de Araújo, hoje com 84 anos. Ele era da Guarda Especial de Brasília (GEB), que deu origem à

Polícia Civil do DF.

Esse episódio, o aposentado jamais esquecerá. Em 24 de maio de 1960 ele foi escalado para a segurança do local onde seria construída a Embaixada dos Estados Unidos. Araújo estava num carro-trailer quando três homens chegaram atirando. Ele foi atingido duas vezes. Um tiro foi no tornozelo. O outro atravessou uma pernas.

Semanas depois, ele recebeu a vista de um representante do então presidente dos EUA, Dwight Eisenhower, de quem recebeu medalha de honra e carta de agradecimento, além da pro-

messa de indenização. O tempo passou, mas a memória do aposentado sinaliza: "Até hoje eu nunca vi a cor desses dólares".

Mesmo atuantes, a GP e a GRN nunca existiram do ponto de vista legal. Preocupado, o então governador de Goiás, José Ludovico de Almeida, promulgou lei, em 1958, criando o Departamento Regional de Polícia de Brasília (DRPB), ao qual subordinou a Guarda Especial de Brasília (GEB). "Brasília passava a ter um organismo policial investigatório", diz o atual diretor da Academia da Polícia Civil do DF, delegado Geraldo Nugoli.

